

## Casa, casca e corpo: o texto como potência crítica em Letícia Parente

Andréia Paulina Costa  
Universidade Estadual de Campinas

A poética de Letícia Parente – artista visual e engenheira química pertencente à primeira geração de artistas da videoarte no Brasil – dialoga com questões do corpo, da casa, dos afetos e das visibilidades, acionando diálogos no campo de gênero. Nos trabalhos de Letícia Parente quando o texto é parte intrínseca, tem a tarefa de relatar as experiências vividas pela artista dentro do espaço doméstico, promovendo uma amarração de sentidos, unindo subjetividade e política, fotografia, vídeo, performance e colagens.

Em seus trabalhos, Letícia Parente procura trazer à tona o que está dentro. Esse dentro se transfigura em diferentes elementos e situações: o armário, o banheiro, a sala, a porta, os sapatos, o espelho, os olhos silenciados, o sair e o existir. Ao trazer para sua poética essas imagens, Letícia reflete sobre os papéis sociais e as normatividades presentes na vida cotidiana das mulheres dentro do espaço social e político da casa.

A obra de Letícia Parente é marcada pela ideia de extrair do corpo uma imagem que nos dê razão para acreditar no mundo em que vivemos. Os vídeos dessa artista são, cada um deles, preparações e tarefas por meio dos quais o corpo revela modelos de subjetividade que o aprisionam. (Parente, 2011: 37)

Nesse sentido, a artista direciona seus trabalhos para os aspectos pessoais e sociais do ambiente doméstico, tanto em seu campo objetivo – das tarefas e fazeres cotidianos – quanto das subjetividades. Para que essas condições se revelem, Letícia articula o texto à imagem, aumentando assim sua potência de visibilidade e transformando o texto em elemento potencializador da imagem. Através dessa potente articulação entre texto e imagem, os trabalhos de Letícia Parente produzem ações de subversão do real, por meio de apontamentos críticos como os presentes em *Preparação n° II* (1975) e *Série Mulheres* (1976), os quais falam, respectivamente, sobre colonialismos, subalternidade e normatividade, ou mais introspectivas como em *In* (1975), *Eu armário de mim* (1975) e *Série Casa* (1975) que tratam de interioridade e alteridade – são esses três últimos trabalhos que iremos discutir nesse artigo. Apesar de breves, desejo que as análises desses três instigantes trabalhos de Letícia Parente possam contribuir para a construção de um imaginário

social – poético e político – das mulheres artistas, que em sua vasta amplitude e importância esse dossiê busca abarcar. São essenciais as visibilidades que esse dossiê *Femmes et littérature: Un siècle d'affirmation et questionnement dans les cultures de langue portugaise* traz à tona, construindo espaços de reflexão que elenca as subjetividades e existências políticas das mulheres no campo das artes, sobretudo àquelas circunscritas em contextos coloniais, como Letícia Parente<sup>1</sup>.

## Casca e corpo

Letícia Parente transforma a casa em casulo, nos lembrando a famosa proposição de Lygia Clark “a casa é o corpo”. Corpo esse metamorfoseado através dos cômodos e objetos, transformando-se em espaço de habitação de si, de afetos e angústias, de amores e dissabores.

Em *In* (1975), somente há corpo e armário, uma situação, um cabide e um par de portas. A situação é iminente, só há duas opções, entrar ou não entrar. No vídeo de 1 minuto e 56 segundos Letícia se decide prontamente. Abre as portas do armário, uma a uma, sobe a prateleira e cuidadosamente se pendura no cabide como uma peça de roupa, um objeto guardado pronto para uso e fecha as portas. Nesse trabalho há uma forte narrativa visual que o alimenta e produz um discurso de interioridade: o armário como casulo, espaço de fuga que “conta de mim o que contengo” (Maciel, 2011), mas também lugar de crítica à objetificação, me coloco no lugar de uma peça de roupa, de uma vestimenta que pode ser usada, trocada, lavada e jogada. O corpo que pratica a ação de se pendurar se torna corpo guardado e à espera – de si e do outro. Nesse corpo, não há neutralidade, mas sim posicionamento crítico. De acordo com Elizabeth Grosz (2000):

[...] o corpo não é nem bruto, nem passivo, mas está entrelaçado a sistemas de significado, significação e representação e é constitutivo deles. Por um lado, é um corpo significante e significado; por outro é um objeto de sistemas de coerção social, inscrição legal e trocas sexuais e econômicas [...] é visto como um objeto político, social e cultural por excelência e não o produto de uma natureza crua, passiva, que é civilizada, superada, polida pela cultura. O corpo é um tecido cultural e produção da natureza [...] como objeto social e discursivo, um corpo vinculado à ordem do desejo, do significado e do poder [...] visto como o termo crucial, o lugar de contestação, numa série de lutas econômicas, políticas, sexuais e intelectuais. (Grosz, 2000: 75-77)

Ao colocarmos o corpo como agente de enunciações coletivas e o corpo do artista como desestabilizador de contextos (Greiner, 2005: 138) percebemos nos trabalhos de Letícia Parente uma atividade constante de ressignificação do corpo, colocado em campo de disputa de poderes e

---

1 Os links dos trabalhos se encontram em: *In* (1975), <<https://vimeo.com/120480939>>; *Eu armário de mim* (1975), <<https://vimeo.com/92756529>>, e *Série Casa* (1975), <<http://qa.6d.com.br/oifuturosite/wp-content/uploads/2013/04/60.-Leticia-Parente-Cap-01.pdf>>, pp. 86-88. Todos os demais trabalhos citados nesse artigo também podem ser consultados nessa publicação.

espaços de fala. Mesmo quando o corpo físico da artista não está presente em seus trabalhos, como em *Eu armário de mim* (1975) e *Série Casa* (1975) ele se encontra transmutado nos espaços e afetos da casa – casa é corpo. Em *Eu armário de mim* (1975), nos conta Letícia:

Eu armário de mim  
Eu armário de mim  
Eu armário de mim  
Conta de mim o que contenho. Conta. de mim. O que contenho  
Eu armário de mim. armário  
Eu armário de mim  
Sentar. Sentei. Sozinho. Sentei-me com. Assentos com.  
Presilhas no tempo. Sentei. Parei. Sentar-me com.  
Eu armário de mim. Armário  
Consumo a cor dos frutos. E sabores do tempo.  
Com sumo e cor. Os frutos. Com sumo e cor do tempo.  
Eu armário de mim. Eu armário de mim.  
letras e palavras. trazem o mundo. mundo circulando no sangue  
Eu armário de mim. armário  
Pasto e repasto. O jornal nosso de cada dia. Pasto e repasto  
eu armário de mim armário  
Canto. cantado. Som nascido. Som nascente. Tecendo o instante de cada dia  
Eu armário de mim  
Idas e vindas. Voltas e revoltas. Idas e vindas voltas-revoltas  
Eu armário de mim Eu armário de mim. armário. De mim  
armário de mim. armário de mim  
Mal travestido em doença. Registro de lutas na carne  
A condição de ser, é fardo às vezes  
nas costas a humanidade. Tão leve e tão pesada.  
Cura-me a própria dor da dor. Cura-me a dor da dor.  
Eu armário de mim. Eu armário de mim.  
Mãos registrando a vida em mim. Mãos narrando a vida no tempo.  
Eu armário de mim.  
Ferramentas de construir cada dia.  
Eu armário de mim  
O desgaste das solas registrou os caminhos deles e meus  
Eu armário de mim  
livrar do pó do sangue e dos detritos. Eis a faina diária  
repouso enfim no tempo empresilhado. Tempo amarrado e preso  
sem correr. Sol parado. Parado. no repouso no repouso no sono  
Eu armário de mim  
Eu armário de mim  
é preciso cessar aos movimentos  
Amor voo livre  
É preciso estancar as forças  
Amor surpresa e surpreendido  
Breve amor longo amor  
é preciso conter os passos  
Pequeno espaço e tanto amor  
amplidão interna, explosão de sóis  
é preciso prevenir os riscos  
prevenir os riscos  
amordaçar a liberdade.  
Eu armário de mim  
o tempo: hoje é dia de trevas. hoje é dia de perda  
o tempo: hoje é dia de festa. Tempo de abrir o tempo

o tempo: hoje é dia de sonho. No ritmo de desejar  
Eu armário. no tempo  
Eu em fim multiplicado  
arborescido. Arborescente.  
Eu armário de mim.  
O amor tem muitas faces e se põe de joelhos  
Eu armário de mim  
Eu armário de mim. (Parente; Maciel, 2011: 104<sup>2</sup>)

A esse poema que permeia todo o vídeo do trabalho, com seu 3 minutos e 44 segundos, são adicionadas imagens de um armário – o mesmo em que Letícia se pendura em *In* (1975) - são oito fotografias distintas, sete delas referentes aos acúmulos do universo da casa: sapatos, roupas brancas, cadeiras e bancos – um deles com um coração pintado e invertido – comida, raios-x junto com objetos pessoais e de beleza, papéis amassados e roupas pretas, e uma fotografia do armário fechado. Essas oito fotografias se desenrolam em quatro partes, se referindo cada uma a um trecho do poema.



[Ilustração 1: *In* (Parente, 1975) Fotograma de frames. Fonte: Galeria Jaqueline Martins]

Neste trabalho temos o armário como registro, que conta as situações cotidianas do espaço da casa e o estado emocional desse habitar. São “presilhas de tempo, pasto e repasto, a condição de ser é fardo, tão leve e tão pesado, cura-me a própria dor, livrar do pós, do sangue dos detritos, a

<sup>2</sup> Transcrição de poema de Letícia Parente, *Eu armário de mim*, 1975 (Parente; Maciel, 2011: 104).

faina diária, as ferramentas de construir cada dia”; elementos que representam desejos e lutas da realidade diária da maioria das mulheres: “é preciso prevenir os riscos, amordaçar a liberdade. Hoje é dia de trevas, hoje é dia de perda [...] Hoje é dia de sonho, no ritmo de desejar. Eu enfim multiplicado”. A potência dessas palavras se encontra, de acordo com Vera da Silva Telles (1990), na ação:

A ação significa, antes de tudo, “dar início a uma novo começo”. Mas a ação exige um espaço de aparecimento para que se torne tangível na sua capacidade de produzir fatos e eventos. Precisa, portanto, do testemunho de outros para que ganhe significado na construção de um mundo plenamente humano [...] Enquanto forma de comunicação, a palavra se determina como discurso através do qual eventos, fatos e acontecimentos podem ser registrados, narrados, transmitidos e, por essa via, transformados em uma história comum [...] A narração significa uma espécie de reificação através da qual os acontecimentos ganham significado [...] por outro lado [...] equivale à construção de uma noção de permanência e durabilidade do mundo, aquilo que transcende a vida individual de cada um e o tempo de existência de uma geração. (Telles, 1990: 35)

O poder do discurso e da ação assim como o do corpo, é capaz de irromper novas configurações do real ao proclamarem liberdades, desejos e espaços. Nos trabalhos de Letícia Parente, ambos, discurso e corpo atuam como potência de desconstrução de normatividades, possibilitando leituras da casa como espaço social e político, onde as disputas de poder são percebidas através de gestos, objetos e situações.

Na *Série Casa* (1975) esses objetos e situações são determinantes para compreender o espaço da casa. São cômodos preenchidos de afetos e esperas. São estruturas que narram o passar dos dias e plantas de sonhos. Esse trabalho possui quatro pranchas: um mapa e três plantas de uma casa, uma baixa, um corte lateral e uma perspectiva aérea. Sobre esse trabalho nos diz Kátia Maciel:

O mapa, a casa, o corpo. Geografias propostas por Letícia Parente em duas séries de Xérox. A primeira série, intitulada a casa, é formada por um mapa e três perspectivas de uma casa. O mapa é a colagem de três cidades, Salvador, Rio de Janeiro e Fortaleza, vizinhas que nunca foram, na imagem e na vida da artista. A segunda xérox, da mesma série, mostra o desenho de uma casa em planta baixa. Em um dos cômodos, lemos lugar de buscar o rumo e vemos o espaço repleto de letras N como sinais de bússolas, de Norte, de direção. No quarto abaixo, vemos uma seta indicar sete alternativas contra a solidão e o desenho de sete pequenos retângulos. No ambiente vizinho, lemos diálogos desejados e desenhos de mãos em gestos que apontam para muitas direções. No quarto acima, está escrito idas e vindas, voltas e revoltas e o campo repleto de setas opostas. Em um pequeno espaço em um quarto dos fundos, lemos rituais de purificação à prova de poluição. Finalmente, no espaço aberto na lateral com um círculo branco cercado de escuro lemos sol sempre disponível. Na terceira xérox a casa é apresentada em corte lateral, Letícia desenha um varal para roupa de ervas, uma fiada de telhas de nuvens, tubos de gás e o piso apoia-se em grãos de estrelas e vibrações. A escrita e o desenho fabricam uma casa real como o sonho. (Maciel, 2011: 43)

A prancha que contém a perspectiva aérea corresponde a construção de uma casa em papel milimetrado. Os tijolos da casa são palavras que escritas preenchem o interior da estrutura desenhada, que se divide em três partes, Piso/Telhado/Fachada. No conjunto desse desenho, a grafia se torna também imagem e age em dupla potência, visual e verbal. Visual ao preencher a estrutura retangular que a cerca criando um peso visual que agrega latência ao trabalho gráfico do desenho da artista. Imagem simples mas sobrecarregada de peso emocional. Mal é inteligível o que escreve Letícia Parente no interior dessa casa, escrita marcada por gestos rápidos e contínuos. De modo incompleto o que podemos ler dentro desses territórios do desenho Piso/Telhado/ Fachada é o seguinte texto: *Série Casa* (1975):

(Canto inferior esquerdo) No fundo do caixão em pés, a casa e o que ela contém. O chão eu piso. O chão eu calço com os pés descalços. A força dos cortes fazem o chão. O chão recalço. E forço e empurro e violento e planto. Para ficar estável e chão calçado. É chão batido e chão serrado e chão pisado, fechado, sofrido e chão matado. É chão amado em silêncio. Mudado. Em silêncio chapado. O chão. As telhas vão dormir no telhado. A chuva vai cair nos telhados. O pó vai descer nos telhados. O sol vai bater nos telhados. O vento vai varrer nos telhados. O tamanho deste telhado é um múltiplo de telhas e perfaz o espaço pelos nossos corpos em [...] amar em dormir. O telhado fará o sonho detrito de morte. Fará a vida detrito do sol. O telhado guardava os segredos do roer do tempo. Será como um [...] cobertor para [...] dia e para o descanso [...] olhos [...] a noite. A fachada da casa não é fechada [...] Pois no meio dela faltava uma pedra. No meio da parede abriu-se um vazio. E os olhos traspassaram seu plano e sua pele. A argamassa consentiu em faltar. Consentiu em faltar para os pés entrarem [...] com seus entulhos, seus recados e seus gestos tudo depois dos olhos que em si já estão aqui. (Parente; Maciel, 2011: 170<sup>3</sup>)

Essa prancha nos remete àquilo que uma casa se constitui, seus pilares, piso, telhado, fachada e finitude. O piso como aquilo que suporta a casa, o telhado como aquele que protege e a fachada o que apresenta. O caixão guarda a finitude das lembranças, dos sentimentos, dos cheios e vazios dos que nos diz Letícia.

Casa é dentro, mas também é fora, é onde estamos. O mapa presente na segunda prancha nos coloca essa questão. Da sobreposição dos três mapas, Salvador (local de origem da artista), Fortaleza (cidade de seu companheiro) e Rio de Janeiro (sua moradia), resulta um quarto mapa, que propõe uma cartografia sentimental (Rolnik, 1989) da artista. Nessa prancha, à esquerda há um grande espaço em branco e vazio em formato de terreno, metade habitando o mapa de Salvador e metade o do Fortaleza.

Essa prancha-mapa nos situa espacialmente e nos permite entender os trânsitos da artista. A casa é o terreno que se situa nos fluxos de territórios. A casa não é somente o espaço construído,

---

3 Transcrição do texto contido na imagem da prancha 1, Letícia Parente, *Série Casa*, 1975 (Parente; Maciel, 2011: 170).

mas também o espaço habitado pelas lembranças e histórias. A casa em Letícia Parente é a união das memórias afetivas onde cada elemento é parte de uma cartografia sentimental: “as cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (e indissociavelmente) que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro [...] **a produção do desejo, produção de realidade, é ao mesmo tempo (e indissociavelmente) material, semiótica e social**” (Rolnik, 1989: 44). Nessa produção da realidade e do desejo, o espaço vazio que se circunscreve entre as cidades de Fortaleza e Salvador remetem ao deslocamento, trajetória do vivido, do sair de e ir para.

Na terceira prancha: Teias de nós, grãos de estrelas, ondas de voz, vibrações, copas de árvores, cerzidos antigos, capim, floresta, musgo. Na quarta: Sete alternativas contra a solidão, rituais de purificação à prova de poluição, diálogos desejados, sol sempre disponível, idas e vindas, voltas e revoltas, lugar de buscar rumo. Todos esses elementos verbais acionam uma imagem visual, são grãos de estrelas e lugares de buscar rumo, onde sonho e realidade se misturam na poética de Letícia Parente.

Casa é piso, telhado e fachada, deslocamento e sentir. É habitar-se e ser habitada pelas memórias e pelos afetos. Esses três trabalhos de Letícia Parente nos colocam diferentes caminhos para pensar o espaço doméstico, como lugar de obrigações e rotinas, de submissão e tarefas, como refúgio e fuga do corpo através da figura do armário e da busca pela interioridade e pelo espaço pessoal, mas também como espaço de memória que guarda as trajetórias de vidas dos que habitam, seus anseios e angústias, esperas e sonhos.

### **Narrar o corpo e viver a casa**

No espaço da casa, a artista relata a si mesma, narra suas relações afetivas com os elementos ali presentes: “quando tento dar um relato de mim mesma, eu o faço sempre *para* alguém que, acredito, recebe minhas palavras de determinada maneira, embora eu não saiba e não possa saber qual” (Butler, 2017: 90) e “à medida que crio uma sequência e ligo um evento ao outro [...] também enceno o si-mesmo que tento descrever; o “eu” narrativo reconstitui-se a cada momento que é evocado na própria narrativa. Paradoxalmente, essa evocação é um ato performativo” (Butler, 2017: 88-89).

Para a artista, os elementos de performatividade, “atos, gestos e atuações” (Butler, 2017: 235) e evocações de si, se encontram nos discursos textuais e visuais das narrativas a que propõe “no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (Butler, 2017: 235). A casa guarda os desdobramentos das identidades e dos corpos, suas significações e inscrições, se

tornando elemento principal para o debate das relações sociais e afetivas no espaço doméstico. Para Giulia Laroni (2013: 11) os trabalhos de Letícia Parente e outras artistas estabelecem conexões “entre a experiência feminina cotidiana – nas configurações espaciais da domesticidade – e situações comuns de opressão e marginalização”, logo, nos falamos sobre presenças e ausências.

Presenças e ausências de representações do cotidiano feminino: do esperar, do fazer, dos acúmulos de objetos e das tarefas domésticas. A casa é vista e vivida como um microcosmos social, ao mesmo tempo particular e subjetivo mas também coletivo, aquilo que Guattari (Guattari; Rolnik, 2017: 39-40) denomina de enunciação de um agenciamento coletivo, onde a subjetividade é “modelada no registro do social”, portanto apesar de individual, expressa também uma instância que é sempre coletiva.

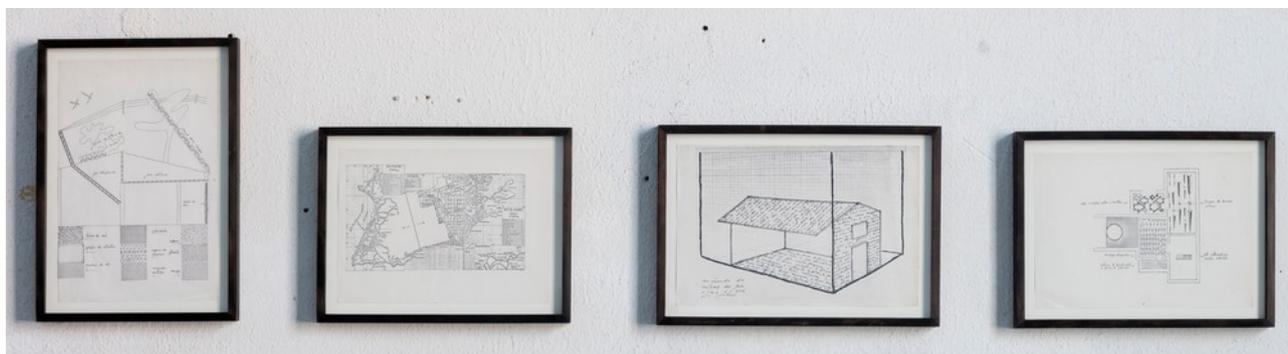
Letícia nos fala tanto do universo de subalternidade das mulheres, suas condições de espera e fazeres domésticos quanto da presença de seus desejos, de um corpo que habita e territorializa o espaço da casa através de reapresentações dos objetos e cômodos que lhe compõe. O corpo emerge e se coloca como ação disruptiva, rompendo com as delimitações dos espaços e papéis sociais impostos às mulheres, permitindo que a casa e o corpo – também casa – sejam ressignificados como universos plenos de reinterpretações e subversões de seus usos. Com isso, critica os discursos que colocam os corpos das mulheres e a casa como objetos destinados à opressão e a repressão. Para Foucault (2013: 12) o corpo é “fragmento de espaço imaginário”, “potência surda do sagrado ou vivacidade do desejo” e em sua materialidade “produto de seus próprios fantasmas” (2013: 13). Para Letícia, “a casa é o lado de dentro” (Maciel, 2011: 45) e o corpo é “o corpo da mulher todo escrito com suas fissuras” (Maciel, 2011: 47).

“Em Letícia, as medidas são efetivas para produzir no corpo [...] o efeito de desocultamento dos dispositivos sociais” (Parente, 2011: 39). Os rituais domésticos presentes em *Eu armário de mim* (1975), *Série Casa* (1975) e *In* (1975) são representados pelo estado de espera – dos encontros, dos diálogos e das trocas, de acúmulos – sapatos, roupas, cadeiras, objetos pessoais, papéis – e de interioridades – entro e sumo, me objetifico. *In* (1975), não possui texto verbal, mas sua narrativa visual é suficiente para criarmos um texto imagético da ação e da situação que ocorre naquele instante, do processo de objetificação e de interiorização. *In* (1975) dialoga diretamente com *Eu armário de mim* (1975), onde a figura armário passa a ser entendida como o lugar de desabafo da atmosfera doméstica. Já em *Eu armário de mim* (1975) e *Série Casa* (1975) o texto adiciona camadas de significação, promovendo um entendimento político do espaço da casa através dos poemas recitados ou escritos. Nesses trabalhos os dois poemas que se desenvolvem ampliam a potência de “poesia da vida” ali presentes. O da *Série Casa* (1975), escrito e delimitado pelo desenho da estrutura de uma casa. Texto que se transforma em desenho, em imagem, grafia que

inscreve subjetividades e potências críticas. O poema em *Eu armário de mim* (1975) transita entre os registros fotográficos e os acúmulos das trajetórias de vida ali representadas através dos objetos. Nesses trabalhos o texto não é submisso a imagem, mas caminha com ela.



[Ilustração 2: Eu armário de mim (Parente, 1975) Fotograma de frames. Fonte: Galeria Jaqueline Martins]



[Ilustração 3: Série Casa (Parente, 1975). Fonte: Galeria Jaqueline Martins]

A presença dos textos na poética de Letícia Parente, a auxiliam a problematizar a esfera doméstica. Para a artista a esfera da casa atua como ambiente de libertação e opressão, de existência e de reexistência, de reencontros consigo mesma e com os outros. Essa dialética do devires e dos afetos, que é intrínseca a seus trabalhos nos ajudam a problematizar o espaço doméstico como aquele que é produto de uma adequação social que contribui para a conservação das relações de opressão, subalternidade e gênero, mas também pode ser o espaço de criação e de conexão trazendo à tona questões de visibilidade, pertencimento e identidade.

## Referências Bibliográficas

BUTLER, J., [2017]. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 15ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BUTLER, J., [2017]. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. 1ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

FOUCAULT, M., [2013]. *O corpo utópico*. Trad. Salma Tannus Muchail. 1ª edição, São Paulo: N-1 edições.

GREINER, C., [2005]. *O corpo artista como desestabilizador de certezas*. In: COCHIARELLI, F.; MATESCO, V. *Corpo*. 1ª edição. São Paulo: Itau Cultural.

GROSZ, E., [2000]. *Corpos reconfigurados*. Campinas: Cadernos Pagu, nº 14, pp. 45-86. Disponível em: <[www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/%3Fdown%3D51327+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/%3Fdown%3D51327+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em 11 de abril de 2017.

GUATTARI, F; ROLNIK, S., [2017]. *Micropolítica*. Cartografias do desejo. 12ª edição, Petrópolis: Editora Vozes.

LAMONI, G., [2013]. *(Domestic) Spaces of Resistance: The Artworks by Anna Maria Maiolino, Letícia Parente and Anna Bella Geiger*. *Artelogie*, volume 5, pp.1-11. Disponível em: <<http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article231>>. Acesso em 04 de agosto de 2017.

MACIEL, K., [2011]. *A medida da casa é o corpo*. In: PARENTE, A.; MACIEL, K. *Letícia Parente arqueologia do cotidiano: objetos de uso*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Oi Futuro.

TELLES, V., [1990]. *Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Revista Tempo Social, nº 2, volume 1, pp 23-48. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v2n1/0103-2070-ts-02-01-0023.pdf>>. Acesso em 17 de abril de 2018.

PARENTE, A., [2011]. *Alô? É a Letícia?* In: PARENTE, A.; MACIEL, K. *Letícia Parente arqueologia do cotidiano: objetos de uso*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Oi Futuro.

PARENTE, A.; MACIEL, K., [2011]. *Letícia Parente arqueologia do cotidiano: objetos de uso*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Oi Futuro.

ROLNIK, S., [1989]. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 1ª edição. São Paulo: Editora Liberdade.

### Links

PARENTE, L., [1975]. *Eu armário de mim*. Disponível em: <<https://vimeo.com/92756529>>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

PARENTE, L., [1975]. *In*. Disponível em: <<https://vimeo.com/120480939>>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

PARENTE, L., [1975]. *Preparação n° II.* Disponível em  
<<http://qa.6d.com.br/oifuturosite/wp-content/uploads/2013/04/60.-Leticia-Parente-Cap-01.pdf>>. Acesso  
em: 17 de abril de 2018. p. 125

PARENTE, L., [1975]. *Série Casa.* Disponível em:  
<<http://qa.6d.com.br/oifuturosite/wp-content/uploads/2013/04/60.-Leticia-Parente-Cap-01.pdf>>. Acesso  
em: 17 de abril de 2018. p. 170

PARENTE, L., [1976]. *Série Mulheres.* Disponível em  
<<http://qa.6d.com.br/oifuturosite/wp-content/uploads/2013/04/60.-Leticia-Parente-Cap-01.pdf>>. Acesso  
em: 17 de abril de 2018. p. 163